



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
61ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente
Brasília — DF, 24 a 27 de Outubro de 2006

**V Conferência Geral do Episcopado
da América Latina e do Caribe**

Contribuições ao Documento de Participação

**SÍNTESE DAS CONTRIBUIÇÕES
DA IGREJA NO BRASIL
À CONFERÊNCIA DE APARECIDA**

Nota introdutória

Este texto é a síntese das contribuições da Igreja no Brasil à Conferência de Aparecida. Ele é o resultado das respostas dadas, em nível diocesano, às questões do roteiro de estudo do *Documento de Participação*, elaborado pela CNBB e recolhidas pelos 16 Regionais da Conferência. Além disso, estão aqui sintetizadas também contribuições enviadas diretamente à CNBB por Institutos de Teologia, Congregações religiosas, Movimentos eclesiais e Organismos de pastoral em nível nacional.

Devido à grande quantidade de contribuições dadas a partir de questões abertas, a Equipe de Síntese da CNBB optou, não por uma tabulação quantitativa, mas pela elaboração de uma síntese qualitativa. Procurou ser fiel, o mais possível, ao conteúdo das contribuições, condensando-as num texto

bem sintético para facilitar seu uso posterior, seja pela equipe de síntese do CELAM, seja pelos delegados da CNBB à Conferência de Aparecida.

Cabe ressaltar que, nas contribuições enviadas, aparece uma insistência de muitos segmentos eclesiais para que a Conferência de Aparecida não perca de vista o método de reflexão da Ação Católica, assumido pelo Vaticano II na *Gaudium et Spes* e, depois, base do método da teologia latino-americana: *ver-julgar-agir*. Em vista disso, acolhendo a recomendação destes segmentos, a Equipe de Síntese da CNBB optou pela apresentação das contribuições recebidas, ordenando os Capítulos do *Documento de Participação* segundo este método, com o cuidado de, junto a cada capítulo da presente Síntese, indicar o capítulo correspondente ao *Documento de Participação*. Convém, entretanto, registrar que outros segmentos apreciaram a orientação metodológica do *Documento de Participação*, que parte do desejo de felicidade e das perguntas do coração.

CAPÍTULO I

Sociedade e Igreja na atualidade

(Síntese referente aos Cap. I, II.a e IV do Documento de Participação)

1. A realidade brasileira no contexto latino-americano (Cap. IV do DocPart)

a) Somos uma Igreja no Mundo e para o Mundo, pelo mandato do próprio Senhor a anunciar e fazer discípulos seus (Mt 28,18ss), conscientes de que “as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem”, mais particularmente, do povo latino-americano e caribenho, continuam sendo “as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (cf. GS 1).

b) Em nossa realidade, trata-se de seguir Jesus, num Continente marcado pelo contraste entre os muitos valores que caracterizam o povo latino-americano e caribenho, tais como a religiosidade, a capacidade de partilha, a alegria, a resistência, a esperança, a solidariedade e, infelizmente, a extrema pobreza em que vive a maioria da população nos diversos países.

1.1. Uma realidade de contradições e disparidades

a) No *campo social*, verifica-se o crescimento da desigualdade social e o número dos marginalizados preocupa; nota-se o fechamento das pessoas no seu eu e o esquecimento de sua natureza relacional; o individualismo,

levado às últimas conseqüências, desumaniza, gera drogados, menores de rua, doentes mentais, mendigos, famílias desorientadas, etc.

b) No *plano econômico*, supervaloriza-se o crescimento da produção em detrimento do crescimento humano. Cresce a busca pela eficiência e o lucro, ferindo a dignidade humana.

c) Os interesses sócio-econômicos levam à concentração de poder nas mãos dos que têm o controle tecnológico e o arsenal bélico, provocando o desemprego estrutural.

d) Uma causa da injustiça social é a má distribuição da renda, que gera uma “ordem” econômica mundial perversa, aprofundando sempre mais o abismo entre ricos e pobres.

e) Economicamente, não existe mais soberania absoluta: o capital especulativo invade a economia dos países mais frágeis, com seus cerca de 13 trilhões de dólares em giro permanente. A Amazônia, por exemplo, pela biopirataria, está na mira de uma internacionalização.

f) No *campo político*, durante as campanhas eleitorais, dada a falta de consciência e de conhecimento dos direitos civis, os candidatos manipulam e defraudam a esperança do povo. Os pobres são usados como produto descartável.

g) As maiores distorções e sofrimentos, em nossos países, se manifestam: na ignorância política do nosso povo; na falta de opções frente às eleições; na corrupção eleitoral; no sofrimento e a humilhação daqueles que dependem da previdência social e da saúde pública; no baixo investimento feito em educação; na morosidade da justiça; na falta de segurança pública; na má e distorcida qualidade dos meios de comunicação; na má distribuição de renda; na falta de oportunidades e perspectivas; no narcotráfico e o alcoolismo; na emigração desordenada e irregular; no tráfico de seres humanos.

h) No *campo religioso*, apresentam-se ofertas religiosas de toda índole, que prometem felicidade fictícia e mágica, baseada na prosperidade material, na saúde física e psíquica, sem o compromisso com uma ação processual e transformadora.

i) São características da religiosidade atual: o fundamentalismo, o apego a ritos e fórmulas, assim como um sentimento religioso *light*, que se expressa em sincretismos imanentistas, resultado da busca de felicidade imediata.

j) Diante disso, não podemos perder de vista o valor e a proposta do Evangelho, colocando-o a serviço da vida. É nele que os desprovidos do elementar para viver encontrarão uma resposta não enganadora e eficaz.

1.2. A Globalização

a) A globalização tem seu lado positivo, na medida em que, por exemplo, com a rapidez e fluência dos meios de comunicação, pode levar aos recôn-

ditos do planeta a Boa Nova a um número cada vez maior de pessoas (“Ide pregai o Evangelho a todos os povos...”), visibilizando a presença do Reino de Deus, numa Fraternidade Universal.

b) Uma evangelização “globalizada” pode gerar o intercâmbio de Ong’s, Associações Internacionais e outros órgãos Católicos, na difusão dos princípios da Doutrina Social da Igreja (DSI) entre os povos, principalmente o da solidariedade.

c) A globalização propicia uma acelerada integração entre povos e países do mundo, o acesso à informação, assim como a interação de culturas e grupos étnicos ameaçados, criando extensas redes de defesa de seus direitos.

d) Contudo, ela tem seu lado negativo: a cultura materialista por ela veiculada impele as pessoas ao consumismo e a endividar-se com coisas supérfluas, desfazendo lares e gerando dependência de interesses alheios a seu bem-estar. O afã pelo lucro explora a mão-de-obra e promove a aceleração do fluxo de bens e de capital de modo absurdamente desproporcional à movimentação das forças de trabalho, gerando o problema da mobilidade humana.

e) A ciência e a tecnologia da comunicação passam por uma revolução jamais vista, mudando as relações entre as pessoas e criando uma nova geração de usuários. Já não há privacidade, nem para o próprio endereço, exposto a todo tipo de mensagens.

f) A mídia constitui-se em muito mais do que simples instrumento de comunicação, configurando a atual cultura, modificando comportamentos e transformando o horizonte simbólico das pessoas.

g) Entre outros, a globalização altera a identidade cultural dos povos, os quais, vítimas do individualismo, do consumismo e do hedonismo, perdem de vista ideais como os de solidariedade, família, dignidade da mulher, heterossexualidade, casamento e sacralidade da vida.

1.3. Efeitos da globalização e mazelas históricas

a) A criminalidade aumenta entre os jovens de todas as classes sociais, em especial entre os envolvidos com o tráfico de drogas. Nas favelas, reina o trabalho informal. Frente a isso, as autoridades parecem anestesiadas, pois não esboçam nenhuma reação substancial e conseqüente com a solução do problema.

b) Continua o problema do acesso à terra, justificando a necessidade urgente de uma reforma agrária, o que reduziria a migração interna e externa, assim como minoraria o problema do trabalho escravo e infantil.

c) As migrações são um fenômeno crescente. Já são centenas de milhões os que se movem dentro dos países e para fora deles, em busca de melhores condições de vida.

d) Nos tempos atuais, a pobreza estampa novos rostos, consequência da crescente segregação econômica, racial e religiosa, bem como de conflitos internos regionais, o que não impede os pobres, entretanto, de sonhar e buscar um outro mundo possível.

e) Bradam aos céus as condições degradantes da vida dos presidiários, cada vez mais numerosos, tratados como a escória da sociedade. Os presídios parecem mais universidades do crime do que verdadeiros lugares de recuperação. Na corrupção dos políticos e servidores públicos, o crime organizado encontra um respaldo tácito.

f) Persistem a discriminação e o preconceito em relação às mulheres, tratadas muitas vezes como objeto; também em relação aos indígenas, pela exploração indiscriminada de seus espaços vitais, pelo desrespeito à sua cultura, modelo social e religião.

g) A não valorização do trabalho assalariado, a índole de fraudar as leis que protegem a atividade laboral, gerando milhares de processos trabalhistas, é uma herança de séculos de escravidão, que ficou arraigada aos costumes.

1.4. Os grandes desafios de nossa realidade

a) *A pobreza crescente e os grandes contrastes.* A pobreza e a exclusão, já na Conferência de Medellín, foram vistas pelos bispos como uma ameaça à paz no Continente. Em Puebla, eles constataram o agravamento desta situação e que suas causas não eram conjunturais, mas estruturais, reflexo do sistema neoliberal, imposto aos nossos países. Hoje, o narcotráfico e a violência são sinais de desespero; tem sido a saída para muitos; a instabilidade, a violência e os conflitos geram fluxos de refugiados; torna-se cada vez mais evidente a necessidade de mudanças estruturais.

b) *A violação dos direitos humanos.* Nunca, como atualmente, se teve tanta consciência da dignidade da pessoa humana, mas também nunca como hoje se violaram tão sistematicamente os direitos humanos. Menores, jovens, mulheres, encarcerados, indígenas, negros, sem-terra, sem-teto, desempregados e refugiados são as principais vítimas.

c) *A ameaça de um desastre ecológico.* Cada vez mais, vamos tomando consciência de que nosso futuro e, especialmente, o futuro das próximas gerações depende do cuidado que dispensarmos à natureza. Há uma estreita relação entre nossa vida e a vida do planeta. Atentar contra ele, é atentar contra a vida humana. A ordem dada por Deus, para que dominássemos a terra, não nos autoriza a destruí-la.

d) *Pluralismo religioso.* Sempre houve na América Latina e no Caribe uma variedade de caminhos religiosos. A grande novidade, hoje, é a proliferação de experiências religiosas de toda índole e o fato do grande número de pessoas que mudam de religião. Isto exige uma atitude de diálogo respei-

toso, como também de profetismo diante de toda forma de instrumentalização do religioso por interesses ideológicos.

e) *A massificação e o anonimato no mundo urbano.* Estamos presenciando o maior crescimento urbano e populacional de toda a história. Nunca estivemos tão próximos uns dos outros e, ao mesmo tempo, tão solitários e incommunicáveis. É a solidão em meio à multidão.

f) *A família, célula da comunidade e da sociedade.* É fundamental propiciar à família condições de vida digna, que passa por moradia, trabalho, educação, saúde, assim como pelo respeito à instituição do matrimônio e à vida nele gerada.

2. A felicidade a partir dos que sofrem (Cap. I do DocPart)

a) Em base ao Reino inaugurado por Jesus e assumido até o ponto de dar a vida por todos, felicidade é vida em plenitude, dom de Deus e construção coletiva, fruto de relações fraternas, solidárias e autênticas, no respeito à dignidade humana. É na convivência e na transfiguração das relações com o outro, na família e na sociedade, que descobrimos os significados verdadeiros, que preenchem o sentido de nosso ser.

b) A história da humanidade, enquanto história da salvação, nos mostra que pessoas e povos, que buscaram sua realização fora da órbita do bem e da verdade, se extraviaram.

c) A infelicidade em que vive grande parte do povo latino-americano, é fruto: de uma *ordem social e jurídica* que acentua as grandes desigualdades, o desemprego, a violência, as drogas, o êxodo e as migrações, a prostituição; de uma *ordem cultural* acentuadamente materialista, colonialista, escravocrata, individualista, comodista, preconceituosa; de uma *ordem religiosa* marcada pela dicotomia entre fé e vida e pelo desconhecimento do Evangelho; e de uma *ordem familiar* marcada pela desestruturação da família, pela falta de diálogo, de partilha e respeito mútuo.

d) As bem-aventuranças são a resposta em busca de felicidade, não o ter, que nunca desaltera a sede dos que a buscam, por estar longe da fonte da vida. O projeto econômico do capitalismo, enquanto mercantiliza todas as esferas da vida, impede a realização da felicidade, em todas as dimensões do ser humano.

e) Além disso, há também ideologias que distorcem a verdade a respeito do humano, assim como experiências religiosas que vendem felicidade enganosa, fundadas em certas “teologias da prosperidade” e oferta de milagres de todo gênero.

f) Não há caminhos de felicidade fora do plano do Criador, no desrespeito aos direitos dos outros e na agressão à obra da Criação.

3. A caminhada da Igreja na América Latina (Cap. II.a do DocPart)

3.1. A ação evangelizadora

- a) Nas terras latino-americanas, como em toda parte, antes dos missionários chegou o Espírito Santo, presente na vida e na experiência religiosa dos povos indígenas, em “sementes do Verbo” em abundância, algumas delas preservadas até hoje, mas muitas outras foram satanizadas e erradicadas.
- b) A América Latina e o Caribe acolheram o Evangelho com generosidade, gerando muitos frutos de santidade, pelos quais têm plena gratidão, o que, no entanto não anula o fato de a Igreja de então ter estado atrelada aos conquistadores.
- c) Os povos conquistados – indígenas e afro-descendentes, apesar dos massacres e da escravidão, não perderam a consciência de sua dignidade e, hoje, continuam fazendo ouvir sua voz, que clama por um outro mundo possível, onde caibam todos.
- d) Em seu itinerário histórico, na Igreja do período pré-conciliar, predominava o catolicismo medieval, colonial e romanizado, de corte tridentino, alicerçado no clero e na sacramentalização. Com o Concílio Vaticano II, houve uma profunda renovação da Igreja no Continente, expressa em uma nova autocompreensão de sua identidade e missão.
- e) Algumas contribuições do Vaticano II marcaram mais profundamente a Igreja na América Latina, tais como: Deus fala aos seres humanos como a amigos e os convida ao seu convívio (DV); uma liturgia participativa e inculturada (SC); a autocompreensão da Igreja, não como Sociedade Perfeita, mas como Povo de Deus, peregrina na história, sacramento do Reino de Deus (LG); uma Igreja dialogante com o mundo em estreita sintonia com as “alegrias e tristezas” de todos os seres humanos, particularmente dos mais pobres (GS).
- f) Trata-se de uma renovação, que redundou: em um novo dinamismo evangelizador, com expressiva participação dos leigos; na redescoberta da Palavra, que gera a Igreja e que tem nas CEBs uma das formas genuínas de ser sacramento do Reino de Deus na história; em movimentos, grupos de oração, vida missionária, participação ativa na liturgia, aumento das celebrações da Palavra, realização de campanhas da fraternidade e projetos de evangelização, etc.

3.2. As contradições do processo de evangelização

- a) Historicamente, o desrespeito às culturas dos povos indígenas e de outros povos contribuiu para uma religião desencarnada da realidade e uma fé

sem compromisso social e político, omissas ou coniventes com contradições como violência, escravidão, opressão das culturas, desrespeito à dignidade humana, violação dos direitos, corrupção generalizada na política.

b) O “substrato católico”, conformado por uma fé mais de tradição social do que de compromisso pessoal, encontra-se ameaçado pela racionalidade moderna e pela globalização mercantilista, causando êxodo do catolicismo para outras denominações religiosas.

c) As razões deste êxodo podem ser encontradas, também: na falta de formação na fé; de acolhida pessoal na massiva comunidade eclesial que frequenta; no autoritarismo da instituição, em especial do clero; ou em conflitos internos, mal gerenciados, fruto de luta pelo poder.

d) As formas tradicionais de evangelização parecem não serem mais adequadas à nova realidade, sobretudo quando ancoradas no modelo de paróquia tradicional, centralizada no padre e na sacramentalização. Constatase, entretanto, um esforço de acolhida e de ir ao encontro de todos, embora não se consiga falar a linguagem do povo. Há homilias que pouco têm a ver com o Evangelho. Mas, a maior dificuldade está no testemunho, em ligar fé e vida, pois é impossível evangelizar sem pregar o Evangelho e, pregar o Evangelho, sem dar testemunho dele.

3.3. A nova religiosidade e a crise das religiões institucionais

a) Não é só o “substrato católico” que está sendo corroído pelas fortes mudanças culturais, mas todas as religiões institucionais. Pluralismo religioso sempre houve, também em nosso Continente. O que é novo é o fim da cultura de unanimidade católica. De um lado, está a legitimação da liberdade religiosa, cujo pluralismo, exposto à mercantilização de todas as esferas da vida humana, relativiza o catolicismo e reduz as religiões a um denominador comum; e, de outro, está o individualismo, que tende a fazer da liberdade religiosa uma escolha e uma opção restrita à esfera da subjetividade.

b) Também não se pode esquecer, numa sociedade do instantâneo submetida à ditadura do presente e ao imediatismo, dos apelos de grupos religiosos autônomos, manipulando o sagrado e oferecendo respostas imediatas a todos os problemas, ancoradas em milagres e exorcismos. Sobretudo quando se prega liberdade sem responsabilidade. Ao lado delas, o catolicismo aparece como uma religião moralista, autoritária e tediosa.

c) Seja como for, está aí, por um lado, a realidade desafiadora do êxodo de católicos para outras denominações religiosas e, dentro delas, o constante trânsito religioso, em que se caminha de “conversão” em “conversão”; e, por outro, as comunidades católicas, com pessoas perdidas no anonimato da massa, com fraca participação ativa dos fiéis e centradas em celebrações litúrgicas com pouca incidência na vida concreta.

d) Diante dessa situação, há diferentes reações, que vão desde a postura apologética da disputa do mercado religioso, muitas vezes utilizando-se das mesmas armas dos concorrentes, até a apatia e a perplexidade ou, o que é pior, a redogmatização da religião e o entrincheiramento identitário. Um franco diálogo interno, um sereno discernimento da realidade do mundo de hoje e um encontro pessoal com Jesus Cristo, poderiam dar luzes de uma resposta que fuja do imediatismo reinante.

3.4. Na busca de respostas, não esquecer opções fundamentais

a) A credibilidade e a força da ação evangelizadora residem na opção pelos pobres, que é a opção do próprio Jesus. Na história da Igreja, constata-se que, quando não se foi fiel no serviço aos mais pobres, deixou-se de ser fiel ao Reino de Deus, que é vida em abundância para todos.

b) Infelizmente, também nos dias de hoje, a Igreja nem sempre está conseguindo dar um testemunho convincente da opção evangélica pelos pobres. Uma Igreja que se torna morna no compromisso com os pequenos e sofredores, trai na sua essência o Evangelho de Jesus, que veio trazer vida em abundância para todos.

c) Entretanto, apesar de tantos contratempos, em muitos lugares e em diversos segmentos, a Igreja vem lutando com coragem e determinação na defesa da vida. Ela tem-se aberto a parcerias com diversos setores da sociedade, em perspectiva de diálogo ecumênico e inter-religioso, preocupando-se com a formação na Doutrina Social e conectando-se com o que há de mais moderno, em vista de uma evangelização que corresponda às necessidades atuais.

d) A Igreja tem como missão estar presente nos conflitos sociais, solidarizar-se com os que lutam por um mundo justo e solidário, assumindo suas angústias e partilhando suas esperanças, apesar dos riscos e do sofrimento que isso implica.

e) É também missão da Igreja: contribuir para o fortalecimento das organizações do povo; com a formação e qualificação das lideranças dos movimentos sociais; fortalecer a consciência cidadã, capaz de fazer dos excluídos sujeitos de uma sociedade inclusiva de todos, etc.

3.5. O protagonismo dos leigos e leigas

a) Sobretudo o êxodo de católicos impõe à Igreja repensar, com urgência, a *ministerialidade* no seio das comunidades eclesiais. Os ministérios continuam centralizados no ministro ordenado que, por sua vez, é cada vez mais escasso, em comparação com outras denominações religiosas. Além da necessidade da criação de novos ministérios leigos, sobretudo das mulheres que são maioria em nossas comunidades, não é despropositado

cogitar a possibilidade de reinserção na vida pastoral dos padres que deixaram o ministério.

b) O protagonismo do leigo na evangelização exige dele uma melhor qualificação, sobretudo através de uma sólida formação bíblica, teológico-pastoral e espiritual. Isso é fundamental para fomentar o sentimento de pertença à Igreja e propiciar a co-responsabilidade de todos os batizados na ação evangelizadora.

c) Com alegria se constata o crescimento do interesse dos leigos e leigas pela formação teológica, bem como da oferta de cursos por parte da instituição eclesial, o que já redundará em uma evangelização mais conseqüente no mundo, o lugar por excelência da missão do leigo. Através dos leigos, os clamores de nossos povos mais facilmente se tornam os clamores da própria Igreja.

d) No mundo de hoje, cada vez mais as mulheres vêm tomando consciência de sua dignidade e exigindo igualdade no trato e igualdade de oportunidades. A Igreja não pode ficar insensível a esse novo sinal dos tempos, também em nível interno, pois nela são os homens os mais privilegiados, que normalmente tomam as decisões. As tendências conservadoras, que rejeitam o pensamento e a participação das mulheres em tarefas de direção e coordenação eclesial, inclusive nas CEBs, não podem inibir a Igreja a gestos proféticos. O acesso das mulheres ao ministério ordenado é uma dívida pendente.

3.6. A força do sangue dos mártires

a) O sangue dos mártires, generosamente derramado em abundância no solo latino-americano, não pode ser esquecido. É nossa herança maior. Os mártires prolongam na história a paixão redentora de Jesus, “obediente até a morte” e sua ressurreição. São uma forte interpelação a não nos deixar levar pelo “espírito do mundo”, antes a apoiar-se no Ressuscitado, que “venceu o mundo”.

b) Na fileira de nossos mártires, aos milhares, sobretudo os mártires da fé nas causas sociais, contamos inúmeros bispos, presbíteros, religiosos e religiosas, leigos e leigas, catequistas, famílias inteiras, pais e mães de família, jovens, adolescentes e crianças.

c) Entre os cristãos de nosso Continente, há a espera impaciente de ver canonizados muitos destes mártires, um gesto que soaria como um forte convite a todos os batizados a abraçar a paixão, a ternura e o vigor na luta pela justiça, no seguimento de Jesus Cristo, em seu compromisso com a vida plena (Jo 10,10).

3.7. A urgência de estruturas de comunhão e participação

a) O Concílio Vaticano II deu passos substanciais em relação à concepção e à configuração histórica da Igreja, na perspectiva da eclesiologia do Povo de Deus, de uma Igreja comunhão, insistindo na radical igualdade em

dignidade de todos os batizados. Mas, estamos longe do exercício da coresponsabilidade, através de estruturas que promovam a comunhão e a participação de todos, pois os organismos existentes geralmente têm caráter apenas consultivo.

b) O exercício da colegialidade episcopal, na solicitude universal do Colégio Apostólico, exige uma maior autonomia do Sínodo dos Bispos, das Conferências Episcopais e das Igrejas Locais, sem falar na urgência de se repensar o ministério petrino, o que era um desejo do Papa João Paulo II.

c) A exemplo da Igreja Primitiva, faltam também estruturas para que o *sensus fidelium* se faça sentir, pois, naquele período, a participação da comunidade ocupava um lugar importante no discernimento e nas decisões relativas à vida pastoral.

d) Um grande desafio é a participação de leigos e leigas, não só na tomada de decisões, como também assumindo postos de direção na Igreja, hoje ainda centralizados no ministro ordenado. Uma Igreja toda ela ministerial não pode excluir carismas que o Espírito concede com abundância também a leigos e leigas, a mulheres. Pela graça de Deus e a sabedoria da Igreja, esses carismas podem e devem tornar-se ministérios.

CAPÍTULO II

Jesus Cristo, Reino de Deus e discipulado

(Síntese referente ao Cap. III.a e III.b do Documento de Participação)

1. O núcleo central do acontecimento histórico Jesus

1.1. A Encarnação e a Ressurreição

a) O mistério salvífico, que tem origem na comunhão trinitária, se manifesta no Plano da Criação e tem seu ápice no Plano da Redenção, consumado no mistério pascal: vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus (o Cristo cósmico).

b) Jesus Cristo é o Filho de Deus, o Verbo encarnado, a Palavra criadora. Encontrar-se com ele é encontrar-se com a fonte da vida.

c) Jesus é o rosto de Deus, voltado para a humanidade, e o rosto dos homens e das mulheres em conversação com o Pai. A exemplo do Pai que é bom, Jesus é toda bondade voltada aos irmãos, especialmente aos que sofrem. A religiosidade popular, sentindo a presença solidária de Deus na provação e na dor, devota valor especial a Jesus Sofredor, ainda que não perca a esperança de “vida em abundância” no Cristo ressuscitado.

d) No mistério da Encarnação e da Páscoa de Jesus, na unidade do Plano da Criação com o Plano da Redenção, está a fonte de água viva capaz de saciar nossa sede de felicidade. É o Jesus encarnado e ressuscitado que nos concede, desde agora, na esperança, a dignidade de sermos “cidadãos do céu” e de permanecer em seu amor, através do amor aos irmãos.

e) No encontro com os discípulos, Jesus promete a vida plena. O seguimento nasce da experiência desta vida. E a missão é o anúncio a todos desta novidade.

1.2. O Reino de Deus

a) O Reino de Deus integra o núcleo central do acontecimento histórico Jesus, que foi enviado pelo Pai, na força do Espírito Santo. O Reino é o símbolo dos desígnios de Deus para a globalidade da obra da Criação.

b) Da mesma forma que o Reino foi central na vida e na obra de Jesus, “buscar primeiro o Reino de Deus” também é o único que importa ao cristão, pois “tudo o mais será dado por acréscimo”. Nossos mártires são testemunhas desta fidelidade até o fim.

c) O Reino de Deus é justiça, paz e amor para toda a humanidade, salvação integral, que faz da libertação de todos os sinais de morte que sufocam a vida, tarefa de todo cristão, no diálogo e no serviço com todas as pessoas de boa vontade.

d) Trata-se de um Reino escatológico, com uma dimensão imanente e outra transcendente. Em sua dimensão imanente, o Reino de Deus confunde-se com pessoas que nasceram de novo, do Espírito, empenhadas na construção de uma nova sociedade, justa e solidária para todos.

e) As bem-aventuranças traçam o perfil do seguidor de Jesus Cristo e do cidadão de seu Reino, não como regras e normas de conduta, mas enquanto modelo de vida cristã, em comunhão com Deus, com os irmãos e com todo o universo.

f) A exemplo das Conferências anteriores, a Conferência de Aparecida não pode deixar de colocar em evidência a faceta libertadora da missão de Jesus, pois a eficácia da evangelização exige sua presença.

2. As opções fundamentais de Jesus

2.1. Palavra de Deus e Profetismo

a) Da mesma forma que Jesus veio para fazer a vontade do Pai e foi fiel à sua Palavra até o fim, a Bíblia é a fonte da vida cristã, força e inspiração

no seguimento e na continuação da missão do Ressuscitado. Não há verdadeiro encontro com Jesus sem encontro com a sua Palavra, o Verbo que se fez carne. O dinamismo profético e missionário nasce do ímpeto do Espírito, derramado em sua Igreja.

b) O lugar para conectar-se com a Palavra de Deus é a comunidade eclesial, lugar fundante da leitura popular da Bíblia, que alimenta a vida de fé de grandes contingentes de cristãos em nosso Continente. O discipulado se dá pelo chamado de Jesus Cristo, no dinamismo do Espírito Paráclito e suscita o seguimento de Cristo na participação ativa na comunidade de fé.

c) Da Palavra nasce o ministério do profetismo, fundado em sua força transformadora, que opera mudanças no coração das pessoas e nas estruturas da sociedade. A Palavra é Boa Notícia de “vida em abundância” para todos e defesa dos pequenos e excluídos. Acolher a Palavra é tornar-se defensor da dignidade humana e da vida, em todas as suas formas.

d) O respeito e a acolhida à Palavra de Deus levam, também, a acolher as ‘sementes do Verbo’ presentes em nossas culturas, nas experiências religiosas de índole autóctone, bem como nas múltiplas expressões da religiosidade popular.

e) Enquanto Palavra que se fez carne, faz parte do profetismo apontar para o rosto desfigurado de Jesus, nas feições concretas dos milhões de miseráveis, marginalizados, desempregados, sem-teto e sem-terra, doentes, dos sem chance de viver com dignidade. Nos migrantes está um paradigma significativo de uma Palavra que nos coloca a caminho da Terra Prometida.

f) Acolher Jesus Cristo, Verbo Encarnado, o Mestre-Servo que lava os pés dos discípulos e se faz pobre, significa sair de si para ir ao encontro de todos, em especial daqueles que esperam contra toda esperança.

2.2. A opção evangélica pelos pobres

a) A opção evangélica pelos pobres é a opção do próprio Jesus, “que sendo rico se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza”. Sua vida e missão, se caracterizaram pela atenção aos mais fracos e excluídos da sociedade de seu tempo, desrespeitados em sua dignidade de filhos de Deus.

b) A ação de Jesus junto aos pobres não é uma ação assistencialista, mas defensora e promotora da vida em abundância que ele veio trazer a todos, não hesitando em tocar nas estruturas excludentes, tanto da religião judaica, quanto da sociedade.

c) Na vida de Jesus, os pobres não são meros objetos de caridade. Pela sua ação, ao incluí-los, de pé, na comunidade, procura fazer deles sujeitos de um mundo novo, solidário e inclusivo de todos.

d) O seguimento de Jesus implica, portanto, a opção preferencial pelos pobres, sobretudo num Continente marcado pela injustiça social que, aos olhos da fé, constitui-se no escândalo do pecado estrutural.

3. Discípulos de Jesus Cristo

a) No batismo está o início da aventura do discipulado, enquanto seguimento das pegadas do Mestre, pautado por sua vida e sua obra. A escola do discipulado é a comunidade eclesial, fundada na acolhida, vivência e partilha da Palavra, a exemplo de Maria, modelo de discipulado. Da mesma forma que não há cristão sem Igreja, também não há verdadeiro discípulo de Jesus Cristo sem a mediação do sacramento da comunidade.

b) O encontro pessoal com Jesus, necessariamente engendra o discipulado, conseqüência do mandato e do dom do Espírito do Senhor de ir a todos os povos e proclamar a Boa Nova do Evangelho. Toda tentação de construir tendas no cume de um Tabor significa amordaçar o dinamismo da Palavra, que necessita ser continuamente proclamada nas planícies da vida cotidiana inserida na história, pela ação do Espírito.

c) A missão do discípulo, a exemplo do Mestre, é evangelizar; é proclamar a Boa Nova, sobretudo aos pobres, não apenas com palavras, mas acompanhadas pelo testemunho. Por isso, no Evangelho, os discípulos são enviados dois a dois, tendo a fé como única bagagem e segurança.

d) Jesus olhou com amor particular os jovens, envolvendo-os em sua missão e confiando-lhes também a tarefa missionária.

4. Jesus e a Igreja

a) No grupo organizado dos Doze apóstolos de Jesus está o gérmen de sua Igreja, que em Pentecostes se torna ativa e continuadora de sua missão, que é a de tornar cada vez mais presente o Reino de Deus, já na concretude da história da humanidade.

b) Conseqüentemente, a missão do discípulo, hoje, a exemplo de ontem, se inscreve no seio de uma comunidade eclesial, toda ela missionária. A comunidade é o lugar do encontro com Jesus, da mesma forma que é o sujeito da missão. A mística do discipulado se alicerça numa espiritualidade eclesial, que deve pervadir espiritualidades específicas, de grupos e movimentos, com particular atenção aos jovens.

c) Tal como o apóstolo Tomé, que teve sua fé no Ressuscitado apoiada no testemunho do grupo dos Doze, o dinamismo do discipulado depende muito da vitalidade missionária da comunidade eclesial, no seio da Igreja Local.

CAPÍTULO III

Igreja e missão

(Síntese referente aos Cap. II.b e III.c e III.d do Documento de Participação)

1. Compreensão de Igreja

a) Retomar a *compreensão de Igreja* do Concílio Vaticano II: Igreja povo de Deus, afirmando, primeiro, sua base laical como povo de batizados, enriquecido pelo sacerdócio comum; segundo, sua afirmação colegial a partir da relação entre Igreja local e comunidades, da comunhão, da sinodalidade e das conferências episcopais; terceiro, a afirmação da dimensão ecumênica e do diálogo inter-religioso. Essa compreensão de Igreja deve expressar a centralidade do Reino e a justa articulação (equilíbrio) entre a dimensão mistérica e a institucional da Igreja, conforme *Lumen Gentium* 8a.

b) Aprofundando a compreensão eclesiológica do Concílio, a Igreja no Continente buscou uma consciência eclesial renovada na Conferência Geral de Medellín (1968), sobretudo na sua dimensão *profética*, e na Conferência Geral de Puebla (1979): uma Igreja de “comunhão e participação”. Essa orientação aprofunda a visão de Igreja como “servidora da humanidade” (Vaticano II).

c) O *centro* dessa compreensão situa-se no Batismo como sacramento da cidadania eclesial e elemento essencial da identidade cristã, visando a construção de uma Igreja viva, que reúne os que fazem a experiência de um encontro pessoal com Cristo e se comprometem com ele na comunidade eclesial.

d) Também não se pode perder de vista, por um lado, uma *eclesiologia* relacional, em diálogo com o mundo e missionária; e, por outro, a tarefa de recuperar a identidade da Igreja diante de outras expressões eclesiais.

2. A comunhão eclesial

a) Cresce a *consciência* da comunhão em nossas Igrejas, ainda que de forma tímida. As *causas* do pouco crescimento na comunhão são múltiplas:

1. algumas são *internas* à própria Igreja, sublinhando a fraqueza das comunidades: – muitos batizados não são ainda evangelizados e buscam um Deus milagreiro; – falta nas comunidades disposição de acolhida e empenho na formação doutrinal dos seus membros; – a religiosidade popular é desvalorizada; – o atendimento paroquial é deficiente e falta o diálogo; – competição entre agentes de pastoral; – alguns se sentem até “donos” da comunidade;

2. outras causas são ligadas à *realidade sócio-cultural* do nosso tempo: – por um lado, o espírito capitalista dominante, da ganância, da competição, da vantagem em tudo e da disputa de poder corrói a gratuidade que deve presidir a comunhão eclesial; por outro, o individualismo reduz a fé a um ato individual, enfraquecendo, desta forma, a comunhão eclesial. Nesse clima cultural domina o “relativismo”, incapaz de confrontar-se com um sistema de valores objetivos;

3. a comunhão na Igreja pode ser enfraquecida também pela *inércia*, provocada pela rotina ritualista e sacramentalista ou pela *cumplicidade* com o poder político e/ou econômico, que enfraquece o dinamismo profético da Igreja.

b) Para crescer na comunhão eclesial, alguns fatores são importantes: a) elementos de formação e de espiritualidade; b) o espírito de comunhão, participação e co-responsabilidade; c) o cultivo da transparência nas relações comunitárias, da compaixão e da partilha; d) a presença do padre, mas que, por vezes, é ambígua: quando próximo, aberto, ajuda a comunhão eclesial; mas se com espírito legalista e burocrático, passa a ser empecilho a uma vivência de comunhão mais profunda.

3. *Eucaristia e Comunidade*

a) Antes de tudo, deparemos-nos com o duro fato de muitas comunidades não terem a Eucaristia dominical. Para elas e alheio à sua vontade, o ideal da Eucaristia como centro da vida eclesial fica distante, por falta de ministro. Em contrapartida, é admirável a fidelidade dessas comunidades ao culto dominical da Palavra, que as alimenta e faz crescer na comunhão eclesial, assim como a alegria dessas comunidades quando a Eucaristia “chega” até elas.

b) No entanto, deve-se afirmar, como *princípio*, que as comunidades cristãs têm direito à Eucaristia. A solução é complexa: primeiro, porque os padres são insuficientes para atender o grande número de comunidades a eles confiadas, muitos dos quais, por viverem distantes delas, quando chegam, acabam não respondendo às suas expectativas e necessidades; segundo, mesmo que houvesse um melhor recrutamento para o ministério presbiteral, não se vê a perspectiva de superar o déficit de padres; terceiro, neste caso, é preciso ter a coragem de mudar a disciplina eclesial em relação ao ministério e o modo do seu exercício para estancar essa “ferida aberta”.

c) A Eucaristia deve ser o *centro* da vida eclesial. Para isso, a dificuldade, além da falta de ministro para presidir a Eucaristia, está na insuficiente articulação entre fé e vida, entre vida sacramental em geral e a Eucaristia, entre o aspecto devocional e a vivência eucarística.

d) A promoção da centralidade da Eucaristia na vida das comunidades exige também promover a *inculturação da liturgia*, para que as celebrações sejam mais acolhedoras. Neste particular, é preciso repensar o papel dos

Meios de Comunicação Social, a fim de evitar modismos e a espetacularidade ('showmissa'). Além de levantar também a pergunta se certa pastoral "midiática" não corre o risco de substituir a comunidade *real* por uma "comunidade" *virtual*.

e) Com respeito à Eucaristia, restam ainda duas *observações*. A primeira, de ordem *cultural*: a celebração da Eucaristia deveria ser centrada no compromisso com o Reino, mas nossos padrões culturais tendem a situá-la num contexto de "expressões comerciais"; a segunda, de ordem *teológica*: o sacramento da Eucaristia objetivamente tem valor salvífico, mas na percepção subjetiva dos fiéis parece que sofre um processo de "relativização" do seu valor sacramental.

4. Carismas e ministérios

a) Há uma *tensão* entre carismas e ministérios na Igreja. Ela é por si mesma positiva. Mas, na animação "carismática" das estruturas de Igreja é preciso repensar a relação entre as duas dimensões e, sobretudo, o ministério ordenado.

b) Carismas e ministérios, na verdade, enriquecem o tecido eclesial. Mas, pedem mais formação, uma adequada pastoral vocacional e colaboração dos atores eclesiais, para entenderem melhor as diferenças e a de ambos, na edificação da mesma Igreja de Cristo.

c) Na fase atual, carismas e ministérios estão num momento de *mútuo descobrimento*. Falta ainda sintonia entre ambos. Por um lado, eles atuam para um único objetivo, a missão da Igreja; por outro, observam-se esquemas prontos, projetos pessoais em confronto com projetos eclesiais.

d) O próprio ministério é visto, às vezes, como "direito conquistado" e não como serviço. Em vista disso, a renovação eclesial exige uma visão mais descentralizada e menos "clericalizada" dos ministérios.

e) Na articulação da dimensão hierárquica e carismática da Igreja, falta maior clareza de objetivos, ou seja, da única missão de todos os batizados, em sintonia com as diretrizes da Igreja Local.

5. Estruturas de Comunhão

5.1. Paróquia e Comunidade

a) A paróquia é "comunidade de comunidades" ou "rede" de comunidades, grupos, movimentos e pastorais. Contrariamente a isso, constata-se uma volta gradativa do paroquialismo.

b) Normalmente, aponta-se para os movimentos eclesiais como a "primavera da Igreja", no entanto, é preciso intensificar esforços para que a Igreja seja

realmente uma “rede” de comunidades, grupos e movimentos, onde os pobres tenham lugar. Para isso, comunidades e movimentos devem situar-se positivamente no eixo pastoral da Igreja diocesana.

c) Tal como afirmou o Papa João Paulo II, o horizonte espiritual das paróquias e comunidades é ser realmente *casa e escola de comunhão*, oração e espírito missionário, aspirando à santidade e fazendo com que a Eucaristia seja, de fato, a fonte e o ápice da vida eclesial.

d) Urge apostar mais nas *lideranças leigas* nas comunidades, seja numa linha ministerial, seja no engajamento político e presença nas diversas associações e grupos na sociedade civil.

5.2. Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)

a) A compreensão da Igreja do Concílio Vaticano II estimula a sua *base laical* – povo de Deus – a organizar-se em pequenas comunidades cristãs, conforme *Lumen Gentium* 26, e assumir ministérios que lhes são próprios. Seguindo essas orientações, as CEBs em nosso meio realizam, assim, a Igreja na base, enriquecendo-a de carismas e ministérios.

b) A experiência das CEBs mostra que elas alimentam uma evangelização enraizada na vida, apesar de, em muitas delas, a celebração eucarística dominical ainda não ser normalmente possível por falta de ministro.

c) A Conferência Geral do Episcopado Latino-americano de Aparecida precisa reafirmar, com coragem, alguns elementos essenciais sobre as CEBs, para fortalecê-las e animá-las: a) o lugar das CEBs na Igreja: elas são Igreja na base; b) para isso, é necessária uma nova compreensão da paróquia, como “rede” de comunidades, onde as CEBs tenham seu lugar eclesial; c) dentro das CEBs, o discípulo e missionário de Jesus Cristo deve ter como referencial imprescindível o caminho de Jesus, sua pregação e prática; d) as CEBs são um modo de ser Igreja privilegiado “para que todos tenham vida em abundância”.

6. A Missão evangelizadora

6.1. O espírito missionário

a) O *espírito* missionário exige paixão por Jesus Cristo e consciência da dimensão universal da missão.

b) São *qualidades* do missionário: a formação sólida, a firmeza na fé e a convicção da vocação. O missionário precisa cultivar sua vocação por uma espiritualidade específica: amor ao próximo, despojamento, disponibilidade para o serviço.

c) Na missão, há uma relação de co-responsabilidade e subsidiariedade entre o centro da comunhão eclesial – a Igreja de Roma com o seu bispo, e as Igrejas Locais espalhadas pelo mundo inteiro e seus respectivos bispos.

d) Para fomentar o espírito e desencadear um processo missionário, é importante:

1. preparar pessoas para evangelizar “ambientes”, como o mundo da comunicação, da política, da economia, das ciências;
2. tomar o caminho das bases, da periferia;
3. priorizar pequenas comunidades;
4. rever a formação dos presbíteros e da vida consagrada em vista do campo pluriforme da missão evangelizadora;
5. redistribuir os recursos humanos, levando em conta as regiões com pouca presença de Igreja;
6. criar equipes missionárias itinerantes;
7. incentivar o programa das “igrejas-irmãs”;
8. implementar a “pastoral da mobilidade humana”, tendo como paradigma o “Bom Samaritano”.

6.2. Pessoas ou grupos prioritários para a missão evangelizadora

a) Constituem-se, hoje, interlocutores preferenciais da missão evangelizadora da Igreja:

1. os “fragilizados” em geral, como pobres, deficientes, doentes, presos;
2. os jovens e a família que sofrem as conseqüências da realidade sócio-cultural e da desestruturação familiar;
3. grupos específicos como indígenas, afro-descendentes, migrantes, deslocados e refugiados;
4. o grande contingente dos trabalhadores rurais e urbanos, entre os quais se encontram os “desalojados” por barragens, expulsos da terra (posseiros), sem-teto e sem-terra;
5. os “construtores da sociedade pluralista”, ou seja, os assim considerados grupos de influência;
6. os batizados em geral, dentre eles, primeiro os adeptos da religiosidade popular, que constitui-se num importante lugar de evangelização, ainda que marcada pela ambigüidade, sobretudo a fraca pertença eclesial; segundo, os batizados “afastados” por múltiplas razões, dentre elas, o impacto da secularização e do individualismo;
7. os empobrecidos pelo êxodo rural.

7. Os sujeitos da missão na Igreja

a) O sujeito da missão por excelência é a Igreja particular ou local. Dentro dela se inserem os diferentes sujeitos da ação evangelizadora. Dentre eles, se destacam o ministério ordenado, os leigos, a Vida Consagrada e Movimentos Eclesiais.

7.1. O ministério ordenado

a) O ministério ordenado constitui-se num sujeito primordial dentro da Igreja particular, pela sua missão específica de sinal da unidade de todos em Cristo e de animador privilegiado da fé e da vida cristã.

7.2. Os leigos

a) O Concílio Vaticano II afirmou a base *laical* da Igreja, povo de Deus, e sua identidade como povo sacerdotal, profético e real, com a tarefa de promover a “vida em abundância”, como povo de Deus peregrino, no serviço misericordioso à humanidade.

b) O protagonismo leigo, proposto pela Conferência Geral de Santo Domingo (1992) cresceu, ainda que deixe a desejar. Os leigos continuam sendo uma “força não liberada para a evangelização”. Sua atuação pode crescer bem mais, sobretudo com uma maior participação da mulher na vida ministerial da Igreja.

c) Neste particular, há algumas *tensões* a serem levadas em conta:

1. tensão entre uma participação mais interna dos leigos na Igreja (celebrações dominicais, conselhos, comissões paroquiais e diocesanas) e um compromisso deficiente no âmbito da sociedade, que “deixa muito a desejar”;
2. tensão entre clero e leigos: o clero, às vezes, não compreende o leigo como sujeito da missão, reduzindo a responsabilidade pela missão à hierarquia (clero, leigos consagrados e religiosos);
3. tensão entre leigos das comunidades e leigos de movimentos: caminham por bitolas diferentes, não se encontram e desconhecem as orientações da própria Igreja;
4. tensão entre aqueles (poucos) leigos engajados, comprometidos com várias tarefas na comunidade, na paróquia, e a maioria de membros passivos na vida eclesial.

d) Diante disso, é preciso valorizar mais as *lideranças leigas* na linha ministerial: entre outras tarefas, na formação, na co-responsabilidade pela pastoral da comunidade, no engajamento político, na defesa da vida e da família.

e) Também aqui, permanece o grande impasse: como preencher a *carência de ministros ordenados* nas comunidades, sem cair na “clericalização” do leigo.

7.3. A Vida Consagrada e a vida religiosa secular e laical

a) Não se pode esquecer o itinerário que o Papa João Paulo II traçou em carta aos religiosos/as da América Latina:

1. continuar na vanguarda da pregação do Evangelho da Salvação;
2. evangelizar a partir de uma profunda experiência de Deus;

3. manter vivos os carismas dos fundadores;
4. evangelizar em estreita colaboração com os bispos, padres e leigos, como sinal de comunhão;
5. posicionar-se na vanguarda da evangelização das culturas;
6. responder à necessidade de evangelizar para além das fronteiras.

7.4. Os movimentos eclesiais

a) Os Movimentos eclesiais são *instrumentos de participação* na Igreja justamente pelos carismas de que são portadores. Por isso, na animação “carismática” das estruturas da Igreja, deve-se ter atenção especial ao modo como eles se orientam: a) caso estejam centralizados ao redor de um líder autoritário, não ajudam a fazer crescer a comunhão eclesial; b) mas, se cultivam a liberdade entre os membros e a alegria do discípulo a serviço da missão comum, podem ajudar positivamente a Igreja a crescer num modelo mais participativo.

b) Não se pode ignorar que há *conflitos* entre comunidades e movimentos, sobretudo por estes não levarem suficientemente em conta as diretrizes da Igreja Local, ferindo a comunhão. A falta de compreensão de que a diversidade precisa convergir para a unidade, faz com que alguns movimentos se isolem, tornando-se um obstáculo para a comunhão eclesial.

CAPÍTULO IV

Desafios e diretrizes pastorais

(Síntese referente aos Cap. V do Documento de Participação)

1. Desafios pastorais

1.1. Oriundos do contexto atual

- a) Fazer uma leitura do momento cultural atual, a mais próxima possível do real, fugindo da visão virtual, apresentada pelos meios de comunicação.
- b) Identificar mais claramente os novos ‘Sinais dos Tempos’, próprios de nosso Continente.
- c) A experiência religiosa hoje, por um lado, eclética e difusa, mercadológica e fragmentada, subjetivista e individualista e, por outro, fundada na liberdade, na gratuidade, no presente e na materialidade da vida.
- d) O diálogo da Igreja com o mundo das ciências, em especial com aquelas ligadas à engenharia genética, assumindo uma posição profética diante das novas tecnologias de manipulação da vida.

e) Uma nova sensibilidade pastoral pautada pela misericórdia, repleta de compromisso e responsabilidade as novas situações que nos interpelam.

1.2. De índole eclesial

a) O fenômeno ambíguo das ‘novas comunidades de vida’, em sua autonomia frente às instituições e distância da experiência de vida religiosa tradicional.

b) O direito de todas as comunidades eclesiais terem a celebração eucarística dominical, sobretudo quando 75% de nossas celebrações semanais são sem padre.

c) A formação permanente e os desafios da vida pessoal do clero.

d) O autofinanciamento da Igreja e de sua pastoral, como caminho pedagógico para a comunhão e co-responsabilidade eclesiais.

e) Uma linguagem compreensível que fale ao homem e à mulher que sofrem.

f) Redescobrir e recuperar a teologia dos ministérios leigos, na perspectiva do Vaticano II e das conferências episcopais latino-americanas.

g) A falta de evangelização, de formação (catequese adulta) e de compromisso vivo, expressados na frequência ocasional à Igreja, sem intimidade com Cristo e sem a experiência de pertença a uma comunidade.

h) Superar uma eclesiologia com uma visão tradicional e “jurídica” de paróquia, com clericalismo de padres e leigos e uma visão utilitarista dos sacramentos.

i) A solidariedade, principalmente junto aos mais abandonados e desprotegidos, independentemente de raça, de experiências religiosas e culturais ou de vida.

j) Desenvolver uma eclesiologia ligada à cristologia, resgatando sua dimensão soteriológica.

1.3. Em ordem à evangelização

a) Uma eficaz pastoral urbana que leve a Igreja a encarnar-se na cidade e evangelizar, no seio da cultura moderna e pós-moderna, a sociedade do conhecimento.

b) A renovação litúrgica e uma liturgia inculturada no universo simbólico dos povos de nosso Continente.

c) Contribuir para que as grandes massas famintas, na ótica da opção pelos pobres, passem de objetos dos programas governamentais neoliberais a sujeitos de uma sociedade justa e solidária.

d) Trabalhar em defesa dos direitos humanos e levantar a voz para defender aqueles que se calam por serem fracos e indefesos, testemunhando no nível interno da Igreja o que se deseja como forma de vida para toda a sociedade.

- e) Uma aguda consciência ecológica, expressão da nossa responsabilidade pelo cuidado da Criação, dom de Deus para toda a humanidade.
- f) O diálogo inter-religioso como atitude integrante da ação evangelizadora e contribuição para a construção da paz no mundo.
- g) O compromisso de agir em defesa da vida em sentido amplo, para que todos tenham vida e vida em abundância (Jo 10,10), contra os atentados que a sociedade consumista favorece, por exemplo, promovendo o aborto e a eutanásia.
- h) Criar condições para que os cristãos façam a experiência do encontro com Jesus, através da oração pessoal e comunitária, de uma catequese centrada na pessoa de Jesus e da participação na Eucaristia.
- i) Assumir as grandes causas da América Latina: nova evangelização, libertação e opção pelos pobres e fazer com que elas incidam sobre os conteúdos da teologia, da escatologia, da eclesiologia e da missiologia.

2. Diretrizes pastorais

2.1. De ordem eclesiológica

- a) Uma ação evangelizadora, tendo como eixo o trinômio pessoa-comunidade-sociedade.
- b) A comunidade eclesial como o lugar do encontro e da vivência da fé cristã, à qual se vinculam grupos, movimentos e serviços de pastoral.
- c) Uma Igreja viva e profética, que tem nas CEBs um novo modo de ser Igreja e um meio privilegiado de articulação entre fé e vida, cristianismo e cidadania.
- d) A reforma das estruturas da Igreja como uma prioridade da ação evangelizadora, promovendo a paróquia como “rede de comunidades” e favorecendo a unidade de movimentos, serviços e ministérios, por uma presença mais viva no território.
- e) Não perder de vista, valorizar e evangelizar a religiosidade popular.
- f) A redefinição da identidade e da missão do diaconado permanente, desvinculando-o da liturgia e da sacramentalização.
- g) As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) como um fator importante para a revitalização da Igreja na dimensão comunitária, profética e transformadora.
- h) O aprofundamento da dimensão do discipulado e da missionariedade na ótica feminina da Bíblia.
- i) Dar maior visibilidade aos Conselhos de Pastoral em todos os níveis: comunitário, paroquial, diocesano, regional e nacional.

2.2. De ordem pedagógica

- a) Fomentar uma eficiente pastoral bíblica, para que a Palavra de Deus tenha seu lugar de primazia na vivência da fé.
- b) Uma missão respeitosa da liberdade de consciência e da liberdade religiosa, alicerçada no diálogo e na persuasão e não na disputa do mercado religioso e na manipulação.
- c) Promover o crescimento do Povo de Deus em sua fé, superando o clericalismo e favorecendo uma participação ativa aos sacramentos.
- d) Uma ação eclesial centrada no testemunho, como encarnação dos ensinamentos de Jesus Cristo na vida.
- e) Incentivar toda a ação educativa da Igreja, seja no ensino formal, nas escolas católicas e públicas, seja na formação permanente do Povo de Deus.

2.3. De cunho social

- a) Uma posição firme, por parte da Igreja, frente à questão da dívida externa e da dívida social.
- b) Um pronunciamento, por parte do episcopado, neste momento da Igreja na América Latina, inspirador, propositivo, em uma linguagem mais bíblico-pastoral que moralista, que dê esperança aos pobres e incentive a luta das mulheres, dos indígenas e dos afro-descendentes no resgate de sua dignidade de filhos de Deus.
- c) Uma ampla ação junto aos migrantes e aos refugiados e combate às causas estruturais que provocam a migração forçada, num mundo que se bipolariza entre ricos e pobres, onde a riqueza produz pobreza e obriga as pessoas a se deslocarem em busca da sobrevivência.

2.4. Relativas à formação

- a) O empenho pela formação permanente na Igreja, em especial do clero, e na criação de espaços de formação e capacitação dos leigos, sobretudo bíblico-pastoral e político-social.
- b) Levar em conta, nos critérios de admissão dos candidatos e na formação dos futuros presbíteros, valores como a simplicidade e o despojamento, tendo presente os desafios da realidade latino-americana, em especial o mundo dos excluídos.

2.5. Relativas à ação pastoral

- a) Promover a vinculação participativa na comunidade eclesial dos católicos afastados ou de participação esporádica.

- b) Intensificar a formação missionária, catequética e litúrgica e promover a centralidade da Eucaristia na vida cristã.
- c) Promover uma catequese bíblica e evangelizadora, condição para o verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo e do mistério da Igreja.
- d) Promover o diaconato permanente e criar novos ministérios leigos na liturgia e em todos os âmbitos da vida cristã e da missão evangelizadora.
- e) Valorizar o batismo como sacramento da cidadania eclesial de leigos e leigas, no sacerdócio comum do povo de Deus, para um discipulado de iguais, na fidelidade ao seguimento de Jesus sacerdote, profeta e rei (pastor).

3. A proposta de uma Grande Missão Continental

3.1. A oportunidade da proposta

- a) Pode ser um novo Pentecostes para a América Latina e o Caribe. Seu objetivo deve ser o de reavivar a fé de nosso povo e promover uma Igreja toda ela evangelizada e evangelizadora, fundada no protagonismo dos leigos.
- b) É oportuna, desde que apresente uma Igreja do diálogo e serviço com o mundo, as culturas, as Igrejas e as religiões presentes no Continente.
- c) Diante da frieza religiosa dos católicos, faz-se necessária uma grande missão que dê um passo decisivo no processo de vivificação e conversão, de comunhão fraterna em comunidades vivas, que defendem e promovem a vida em Deus.
- d) Uma grande missão é urgente para garantir a vida no Continente em momento de forte migração, e para reverter o processo de cultura de morte incorporada em nossos povos, nas situações de pobreza, violência, corrupção, religiosidade eclética e difusa, migração.
- e) Pode ser a oportunidade para passar da missão confiada a Congregações e Institutos Missionários a uma ação permanente de toda a Igreja, na corresponsabilidade de todos os batizados, na construção de uma sociedade justa e solidária.
- f) É oportuna, desde que não tenha um caráter proselitista, de reconquista de pessoas para a Igreja Católica, mas seja um despertar o compromisso próprio da vocação cristã.

3.2. Como ela deveria ser preparada

- a) Sua eficácia dependerá de um forte trabalho de conscientização, motivação e capacitação dos missionários. Será necessário promover cursos, se-

minários, congressos, encontros de formação, para criar um espírito missionário contagiante e uma metodologia atraente e dinâmica para levar a Palavra de Deus a todos.

b) Só será uma grande missão se for bem planejada e organizada, com método adequado e participação do povo engajado, apoiada nos conselhos missionários paroquiais, diocesanos, regionais e nacionais.

c) A missão precisa estar precedida de um adequado estudo da realidade de nossos povos, ao qual os institutos missionários podem dar uma preciosa ajuda, e depois definir diretrizes concretas de ação, num grande mutirão evangelizador.

d) Pela predisposição da Igreja, enquanto instituição, a mudanças em suas próprias estruturas, desde o horizonte acenado pelas CEBs.

e) Pela adesão motivada do clero, a formação de missionários e o envolvimento das famílias (pais e filhos), para que coloque a Igreja inteira em permanente estado de missão.

3.3. Como ela deveria ser realizada

a) O desencadeamento de um processo contínuo, respeitando as peculiaridades culturais, econômicas e sociais de cada povo, evitando resumir-se numa campanha pontual.

b) Uma caminhada na simplicidade e na pobreza, tendo como exemplo a pessoa de Jesus de Nazaré, que se “abaixou” para lavar os pés dos discípulos, servindo a todos desinteressadamente.

c) Um processo com início nas pequenas comunidades, envolvendo os grupos de jovens, a infância missionária, os movimentos, os serviços de pastoral e, pouco a pouco, ir atingindo a paróquia e toda a Diocese.

d) Uma missão popular, dirigida a todos: católicos praticantes, aos que não vivem a fé (católicos afastados) e aos que a desconhecem, pessoas envolvidas em pentecostanismos e teologia da prosperidade.

e) Expressão do reconhecimento de Jesus Cristo nas diversas culturas, e na Criação desfigurada por tanta destruição.

f) Expressão da valorização e do respeito pela religiosidade popular, envolvendo os movimentos sociais.

g) Para que tenha credibilidade, deverá estar fundada no testemunho, levada a cabo por missionários com experiência em orientação de CEBs, na formação de círculos bíblicos e grupos de reflexão, em missões populares, ou comprometidos com outras atividades de edificação da comunidade eclesial.

h) Encarnada e com opção clara pelos menos favorecidos.

- i) Será necessário usar de meios como o contato direto com as pessoas, visitas nas casas, reuniões de grupos de família, debates, cursos e presença nos meios de comunicação.
- j) Criar programas de evangelização a serem transmitidos pelas TVs católicas, como informação missionária e formação de evangelizadores, que alcancem regiões de difícil acesso.
- k) No diálogo e profetismo com a cultura moderna em crise, para ajudar as pessoas a não perderem de vista seus referenciais culturais, religiosos e sistema de valores.
- l) Criar nas Dioceses Centros de Formação Missionária, sem descuidar de priorizar a formação missionária dos futuros presbíteros e a formação permanente do clero, através de cursos de missiologia.
- m) Promover o estudo e a leitura popular da Bíblia, assim como oferecer meios de formação, como cursos à distância.
- n) Chegar também a todos os tipos de migrantes, oferecendo-lhes solidariedade, mostrando-lhes valores humanos e cristãos que ampliem os horizontes das soluções a serem encontradas para os problemas concretos.
- o) Que haja gestos concretos de compromisso, também com a missão *ad Gentes*.

Observações gerais

1. Sobre o Documento de Participação

- a) Faz-se necessário alargar o conceito de 'Vida' do *Documento de Participação*, na perspectiva evangélica da 'vida em abundância', para que abarque 'a pessoa inteira' e 'todas as pessoas', ligando evangelização com promoção humana, salvação com libertação, salvação pessoal e comunitária, pecado pessoal e pecado social, conversão pessoal e estrutural, direitos, plano da criação com plano da redenção, cristianismo e ecologia.
- b) A 'sede de sentido' não é a única força dinamizadora no encontro com a experiência religiosa; em nosso Continente exerce um forte papel a 'fome de pão', na convicção de que Deus quer a salvação a partir do corpo.
- c) O *Documento* parece que ignora o Concílio Vaticano II e a caminhada da Igreja na América Latina, em especial a recente 'tradição latino-americana' das quatro grandes Conferências Gerais do Episcopado, assim como a rica contribuição dos religiosos, através da CLAR, por exemplo.
- d) Mostra uma Igreja triunfalista, voltada sobre si mesma – eclesiocentrismo, reforçado pelo eclipse do Reino de Deus; o distanciamento do modelo eclesiológico – Povo de Deus, parece uma volta à neo-cristandade.

- e) Não se percebe qual é a proposta ou o objetivo central do *Documento*; o sujeito do *Documento* não é o pobre.
- f) Não há um reconhecimento dos mártires latino-americanos das causas sociais.

2. Referenciais irrenunciáveis para a caminhada da Igreja hoje

- a) As opções fundamentais do Concílio Vaticano II: o primado absoluto da Palavra, a afirmação da base laical da Igreja, a redescoberta da colegialidade eclesial e a presença da Igreja no mundo, em uma relação de diálogo e serviço.
- b) A caminhada da Igreja na América Latina, em especial as opções fundamentais de *Medellín* (pelos pobres, pela libertação, pelas CEBs, pela centralidade da justiça social, por uma Igreja profética); de *Puebla* (opção evangélica pelos jovens, pela comunhão e participação, pela defesa da dignidade da pessoa humana); de *Santo Domingo* (pela inculturação, pelo protagonismo dos leigos, pela solidariedade latino-americana e mundial, pela leitura da realidade a partir dos sinais dos tempos).
- c) A importância da colegialidade entre as Igrejas Locais, em especial em âmbito nacional (Conferências Episcopais Nacionais) e continental (Conferências dos Bispos da América Latina e o Caribe).

3. Sobre o método de Reflexão do Documento de Participação

- a) O enfoque dedutivo e a-histórico do *Documento de Participação* mais desmobiliza que anima para a missão.
- b) Não parte do ser humano concreto, que vive em nosso Continente, mas de um ser genérico, uma categoria abstrata.
- c) Não faz da realidade lugar da presença do Espírito e do Reino, por isso, não consegue detectar os verdadeiros 'sinais dos tempos' para a América Latina, hoje.
- d) Fazer da realidade sócio-cultural o ponto de partida da reflexão e da ação evangelizadora, uma leitura na ótica das grandes maiorias empobrecidas e, dentre elas, os grupos que mais sofrem – mulheres, populações indígenas, afro-descendentes, jovens, desempregados, migrantes, etc.
- e) Que a Conferência de Aparecida resgate o método ver-julgar-agir para garantir um diagnóstico mais objetivo da realidade, uma iluminação atualizada da mesma e um compromisso pastoral como resposta a perguntas concretas.

4. Elementos a serem enfatizados

- a) Não perder de vista o rosto concreto dos pobres – crianças abandonadas, jovens sem futuro, mulheres marginalizadas, desempregados, idosos esquecidos, migrantes e excluídos de todo tipo –, assim como os novos rostos da pobreza por questão de gênero, étnica, etária, cultural, etc.
- b) Reformular a compreensão da pobreza e da opção pelos pobres, no novo contexto do mundo globalizado, como elemento propulsor de um novo ardor missionário.
- c) A condenação à mercantilização da vida, da saúde, dos meios de comunicação e do religioso, num posicionamento claro de que a Igreja não está ligada ao capitalismo.
- d) A mídia como instrumento massificador e excludente.
- e) A proliferação de grupos religiosos autônomos (seitas).
- f) Explicitar a relação intrínseca da fé com a práxis libertadora, para que a religião não esteja fadada a continuar relegada à esfera privada de uma espiritualidade intimista, justificando a crítica da religião como alienação.
- g) A opção pelos pobres na perspectiva de fazê-los sujeitos da edificação do Reino de Deus na história e não objetos de caridade assistencialista.
- h) A ministerialidade da Igreja, enfatizada pelo Concílio Vaticano II, e a conseqüente necessidade da criação de novos ministérios, em especial para os leigos e, dentre eles, as mulheres.
- i) O lugar e o papel da mulher na Igreja, sobretudo tendo-se presente sua significativa participação em nossas comunidades eclesiais.
- j) Adotar a missiologia persuasiva e inspiradora da *Evangelii Nuntiandi* e não perder de vista o tripé da nova evangelização – novo ardor, novos métodos e novas expressões.
- k) O Reino de Deus como mensagem central na vida e na pregação de Jesus.
- l) Uma eclesiologia, não cristomonista, mas trinitária e pneumatológica, fundada no trinômio Igreja-Reino-Mundo.
- m) Uma mariologia em estreita relação com a Maria do *Magnificat*, modelo de cristão.
- n) A necessidade de uma pastoral de conjunto, da comunidade eclesial como sujeito da evangelização, procurando situar os movimentos dentro da Igreja Local e promovendo a comunhão e a participação de todos.
- o) A missão da Igreja no mundo, destacando a importância da pastoral social, expressão de uma Igreja servidora, profética, desde a gratuidade do Reino de Deus, especialmente no mundo urbano.

- p) A perspectiva e as contribuições da teologia latino-americana que têm alimentado a espiritualidade e a prática dos cristãos engajados na perspectiva da opção preferencial pelos pobres.
- q) Uma Igreja acolhedora de todos, também daqueles em situação especial, como os portadores de deficiências, os casais divorciados em segunda união, os homossexuais, etc.
- r) Uma ação evangelizadora mais incisiva no social, pois, apesar da América Latina ser um Continente católico, nele se fazem presentes gritantes injustiças e desigualdades.
- s) Investir para que a Bíblia ganhe, cada vez mais, centralidade, para que a Palavra de Deus seja caminho privilegiado para o discipulado e a missão.